

Indústria da água

Quem não possui encanamento próprio só

MARCOS MENRIQUE

Saneamento

CORREIO BRAZILIENSE Brasília, quarta-feira, 5 de outubro de 1988 19

é a salvação do Paranoá

dispõe do produto em casa se comprá-lo dos comerciantes

CLAUDIO FERREIRA
Da Editoria de Cidade

Lavar roupa, beber água, tomar banho. Cada vez mais tudo isso torna-se difícil para os 40 mil moradores da Vila Paranoá. O abastecimento preocupa tanto quanto a qualidade da água e os laudos da Universidade de Brasília, dando conta da presença de coliformes fecais nas minas no Lago e no córrego dos Golanos, desanimam ainda mais a população. A água é escassa, as "andanças" para conseguir o produto são longas, mas a comunidade mantém pé firme: não usa a água do Lago.

Antônio Osmédio Lopes, morador do Paranoá há três anos, é um dos que compreendem algumas "viagens" para se abastecer. Durante pelo menos quatro vezes ao dia ele coloca a filha de 2 anos num carrinho, junto com alguns galões vazios, e sai à procura de água. As vezes dá sorte e consegue encher os seis recipientes com 18 litros cada em alguma casa que já tenha encanamento. E quando a situação aperta, compra água de um caminhão a Cz\$ 500 o tonel. Comerciante, às vezes ele anda 1 km mas não pestaneja: "Da água do Lago Paranoá eu não bebo de jeito nenhum".

A via crucis é a mesma para Vandellice Rodrigues e Marinalva de Almeida, que também gastam boa parte do dia atrás de água.

Vandellice também se fia na água encanada de alguma casa. "Mas tem gente que não quer dar e aí somos obrigados a comprar". Quando não consegue, ela procura o Quartel dos Bombeiros ou as minas. Se tivesse mais dinheiro poderia "abrir uma conta" numa destas casas já com água encanada que cobram Cz\$ 2 mil por freguês. Mas Vandellice tem a mãe doente em casa e é obrigada a andar muito para conseguir água para as duas.

Marinalva de Almeida atravessa a Vila Paranoá com seu galãozinho para abastecer a família, de apenas três pessoas. Ela também procura nas minas, nas casas e nos chafarizes. Depara-se sempre

com alguém que quer vender água por um preço que muitas vezes é inacessível à família. Ontem, por exemplo, tinha dificuldade em conseguir água por toda a comunidade e não sabia como fazer para o jantar.

A falta do produto afeta menos os serviços do que os moradores do Paranoá. Mas o próprio Centro de Saúde nº 1 tem seu abastecimento falho: recebe 7 mil litros a cada dois dias, quando a previsão do administrador Elói da Silva é que seriam mecenários 12 mil litros diários. O centro é abastecido por um caminhão-pipa e Elói sabe de informações da Caesb que a água vem da QI-27 do

Lago Sul. Além da falta de água, existe o problema da má qualidade: a diarreia é muito comum entre os usuários e a comunidade também bebe da água do Centro.

Nas escolas o problema é menor. Na Escola Classe nº 1 a vice-diretora Vitória Braga diz que o abastecimento é normal com o bombeamento da mesma mina que fornece o produto aos chafarizes do Paranoá. A qualidade da água, segundo ela, já foi testada com sucesso e as quatro caixas de 1 mil litros, juntas com o reservatório subterrâneo de 12 mil litros, garantem o conforto das 1 mil 200 crianças divididas em dois turnos.

Pioneiro tem freguesia certa

Manoel Moreira de Lima, pioneiro em Brasília, abandonou um emprego na Novacap há três anos. Pelo menos quatro vezes ao dia pega seu Aerowillis 66, transformado em caminhonete com quatro tonéis de 800 litros cada, se abastece numa mina próxima à Vila Paranoá e ganha a vida vendendo o produto que a maioria da população se sacrifica para conseguir. A freguesia já é fixa e o comerciante garante que seu produto é de primeira: "Os técnicos fizeram uma análise e garantem que a água é quase mineral".

O negócio é sazonal,

pois a partir do final de outubro, quando chegam as chuvas mais fortes, Manoel abandona o transporte e o comércio de água e parte para fazer "bicos". Mas de junho a outubro, com a ajuda dos filhos, ele é um dos quatro caminhoneiros mais conhecidos do Paranoá. Seu carro é equipado com uma bomba, que em cada casa vai retirando dos tonéis o fruto do seu trabalho. São oito ou 10 fregueses fixos e mais alguns que fazem as encomendas já nas primeiras horas da manhã.

Manoel Lima não acha

o negócio anormal e diz que não tem muito lucro com o comércio. "Gasto com a bomba, com pneus e com a gasolina, que compro aqui a Cz\$ 220 o litro", disse. Sua tabela de preços é simples: se a água estiver perto da beira da pista sai por Cz\$ 250 o tonel e se der mais trabalho fica por Cz\$ 300. A equipe trabalha até o final da tarde e depois que acabar a estiagem Manoel diz que vai continuar abastecendo sua casa na mina. "Não vou beber a água do lago, que só vai servir para lavar a casa e a roupa", completa.

UnB e Caesb planejam trabalho conjunto

"A UnB não pretendeu fazer nenhum confronto ao apresentar o laudo sobre a água do Lago Paranoá". A explicação foi dada pelo professor Ricardo Bernardes, que esteve na Caesb para acertar alguns detalhes do que poderá ser um início de cooperação entre a estatal e a universidade. Bernardes e o diretor de Tecnologia Ambiental, Arides Silva Campos, vão se juntar ao Instituto de Saúde do DF a fim de analisar a água que será tratada pela Caesb na estação construída para abastecer a comunidade. Este acompanhamento técnico poderá se estender de acordo com os interesses das partes.

De acordo com Arides Campos, os planos da Caesb para a Vila Paranoá não mudam com a divulgação dos resultados das análises da UnB. As obras na estação de tratamento e no reservatório continuam normalmente e os últimos testes estão sendo feitos esta semana. Ele fez parte da comissão que apresentou ao governador Joaquim Roriz as várias alternativas para o abastecimento dos 40 mil moradores do Paranoá. Afirma que a prevenção contra a água do la-

go é "meramente uma rejeição psicológica", já que está provado que a água é tratável.

Uma das provas, segundo o diretor de Tecnologia Ambiental, é o monitoramento que está sendo feito há mais de 10 anos em cinco pontos específicos do Lago Paranoá. A água é recolhida na superfície, entre um metro e quatro metros e analisada a cada mês. "Nós não escolhemos abastecer a população com a água do lago por pura brincadeira. Fizemos testes e escolhemos a melhor alternativa", disse.

Um abastecimento com água não-tratada pode levar à maior incidência de diarreia provocada por bactérias ou verminoses. A informação é da coordenadora da Pediatria da Regional Norte da Fundação Hospitalar, que inclui a Vila Paranoá, Jacira Abrantes. A médica ressalva que as más condições de infraestrutura do local levam a desnutrição das crianças e maior vulnerabilidade à diarreia e desidratação.

Sem estatísticas exatas,

Além deste monitoramento, também as possibilidades de contaminação da água tratada estão sendo levantadas. Em relação ao odor ou paladar estranho, a Caesb já fez algumas previsões sobre como combater esta probabilidade, sem que se inviabilize o consumo. Estes e outros "problemas" estão sendo previstos, salientando-se porém que a água, após o tratamento, só terá problemas contornáveis. O produto será potável e aumentará a oferta dos atuais 5 litros por segundo para 50.

Jacira diz que a diarreia não tem uma ocorrência muito significativa no local, que no entanto é um dos campeões de desidratação. O perigo da diarreia por verminose não está descartado, principalmente por conta da promiscuidade reinante: lixo no meio da rua, água correndo e ausência de saneamento básico. Muitas vezes a água consumida é de má qualidade e as condições de higiene não ajudam muito, o que leva, além da diarreia,

E para arrematar esta questão da qualidade, a Caesb garante que a água poderá se submeter a qualquer teste. Por enquanto a ideia é juntar-se ao Instituto de Saúde e ao laboratório do Departamento de Engenharia Civil da UnB. "Mas se a comunidade quiser poderá contratar outro órgão, como a Cetesb de São Paulo, e fazer sua análise para comprovar que o líquido é potável". Segundo Arides Campos e Ricardo Bernardes, a água do Paranoá, quando tratada, terá qualidade superior a que abastece a população do Rio de Janeiro e São Paulo.

também à possibilidade de ocorrência de hepatite.

Segundo Jacira Abrantes, a situação piora na época das chuvas e a desidratação leva mães e crianças ao Centro de Saúde nº 1 onde adquirem o sororo fisiológico. Um intenso controle por parte da Regional faz com que a mortalidade infantil venha diminuindo. Ainda assim a desnutrição em 34 por cento das crianças representa um grande perigo.

Desidratação supera diarreia